
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

O HOMOSSEXUALISMO NA ESPANHA NO SÉCULO XVII E NA OBRA *SUEÑOS Y DISCURSOS*, DE QUEVEDO Y VILLEGAS

Andréa Cesco (UFSC)
andrea.cesco@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como principal objetivo mostrar a visão que se tinha a respeito do homossexualismo na Espanha do século XVII e como ele aparece na obra *Sueños y Discursos*, de um dos principais escritores do Século de Ouro, Francisco de Quevedo y Villegas. O artigo está dividido em três partes: a primeira trata da sátira, pois Quevedo passa para a história da literatura espanhola caracterizado fundamentalmente como produtor de sátiras; a segunda parte aborda a sátira quevediana, visto que os *Sueños* figura entre as mais brilhantes e mais engenhosas obras do gênero; e a terceira, discorre sobre o homossexualismo na Espanha do século XVII e nos *Sueños*.

PALAVRAS-CHAVE: sátira; Quevedo; *Sueños y Discursos*; homossexualismo.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo mostrar a visão que se tinha a respeito do homossexualismo na Espanha do século XVII e como ele aparece na obra *Sueños y Discursos* de Francisco de Quevedo y Villegas, um dos principais escritores do Século de Ouro. A obra escrita entre 1605 e 1621 é composta de cinco narrativas – “Sueño del Juicio”, “Alguacil endemoniado”, “Infierno”, “El mundo por de dentro” e “El sueño de la Muerte” – que estão dispostas em forma de diálogo e satirizam os costumes e os personagens de seu tempo, de todas as classes sociais.

O artigo está dividido em três partes: a primeira trata da sátira, pois Quevedo passa para a história da literatura espanhola caracterizado fundamentalmente como produtor de sátiras; a segunda parte aborda a sátira quevediana, visto que a obra *Sueños* figura entre as mais brilhantes e mais engenhosas obras do gênero, tanto na literatura espanhola como internacional; e a terceira, discorre sobre o homossexualismo na Espanha do século XVII e nos *Sueños*.

A SÁTIRA

Na visão de Matthew Hodgart (1969: 10-2), a sátira começa com uma postura mental de crítica e hostilidade, com um estado de irritação causado pelos exemplos imediatos do vício e da estupidez humanos e ainda que as ocasiões apresentadas para se valer da sátira sejam infinitas e inerentes à condição humana, os impulsos que a incitam são básicos da natureza humana. A irritação do satírico se vê modificada pelo sentido de superioridade e desprezo para com a vítima; sua aspiração é que esta se humilhe, e a melhor forma de consegui-lo é através do riso depreciativo.

A autêntica sátira é reconhecida por sua qualidade de abstração; o engenho e os demais recursos técnicos são os meios para transformar os penosos sucessos da vida real. Ela contém sempre um ataque agressivo e uma visão fantástica do mundo transformado: está escrita para entreter, mas incluem agudos e reveladores comentários sobre os problemas do mundo em que vivemos. A sátira, na caracterização de Arthur Pollard, tem o objetivo principal de “despertar no leitor o espírito de crítica e de condenação, e o faz provocando emoções que vão do desprezo, passando pela raiva, até o ódio” (Carreirão Ortiga 1992: 137).

Segundo Paulo Astor Soethe (1988: 08), é praticamente consenso entre os teóricos recentes a dificuldade de uma definição única para o que seja sátira. Entretanto, segundo ele, pode-se defini-la de maneira geral como sendo uma composição literária que apresenta os vícios e despropósitos humanos, os abusos e fraquezas da sociedade, com o intuito de censurá-los pelo ridículo e emendá-los, consoante a fórmula dos antigos *Ridendo castigat mores* (Rindo castigam-se os costumes). Ou então, texto em prosa ou em verso que emprega a agudeza sob a forma de ironia, alusão ou burla para mostrar a loucura e a maldade humanas.

Mal conhecida na Grécia, a sátira se desenvolve, entre os poetas latinos, a partir de Lucílio. Com seu sucessor, Horácio, ela se torna mais jocosa e persuasiva. É cultivada em Roma por Pérsio, Juvenal e Marcial, através da epigrama. Posteriormente, Petrónio (*Satyricon*) e Apuleio (*Metamorfoses* ou *O Asno de ouro*) enriquecem-na com o romance satírico, que depois foi continuado por Luciano de Samósata. Entretanto, é na Europa ocidental, que em plena Idade Média vai ressurgir o gênero, sob a primitiva forma de fábula. O Renascimento, restaurando o conhecimento dos modelos clássicos, amplia o arsenal dos autores satíricos. Erasmo abre o caminho para o uso do diálogo lucianesco (*Elogio da loucura*). Na Espanha, o espírito satírico refugia-se na novela picaresca (*Lazarillo de Tormes*), modelo do *Gil Blas* do francês Lesage; Quevedo (*Sueños, La hora de todos, La vida Del Buscón*) utiliza o estratagema dantesco de visões do inferno como veículo de censura; e a obra imortal de Cervantes poderia ser classificada como sátira, não fosse muito mais que isso. Em Portugal temos Gil Vicente. Molière foi talvez o mais consumado autor satírico de todos os tempos, embora o gênero de suas obras (à exceção de *As Preciosas ridículas*) seja amplo demais para serem estas simplesmente consideradas como sátiras.

O que é de consenso é que na sátira são refletidas a personalidade e as idéias do autor, que costuma tomar parte no diálogo. Ainda que no princípio a sátira possa tratar de qualquer tema, com freqüência são castigados os vícios de uma época, de uma classe social ou de um determinado indivíduo.

A SÁTIRA NOS SUEÑOS DE QUEVEDO

A intensa preocupação do século XVII pelas inclinações pecaminosas da cega humanidade leva facilmente em direção à sátira, gênero em que a Espanha é rica. Já que há uma disposição geral para esquivar qualquer novidade radical, a crítica da sociedade toma necessariamente a forma de um ataque contra a conduta contemporânea, no lugar de postular um modelo social alternativo. Não há utopias espanholas visto que estas são essencialmente produto de uma mente que expõe os problemas com liberdade. Então a insatisfação frente à sociedade da Espanha do século XVII se dá pelos canais da sátira e da homilia (Jones 1985: 287).

Este é o gênero mais cultivado por Quevedo, e *Sueños* figura entre as mais brilhantes e mais engenhosas sátiras do século XVII. Todos os compartimentos da vida humana e social são objeto da sátira festiva ou desapiedada do escritor. Nada escapa do seu olhar agudo, que percebe fortemente os pontos débeis dos seus contemporâneos, nem da sua genial pluma, que sabia exagerar os traços mais retorcidos e de maior destaque daqueles, desfigurando-os em caricaturas desmedidas, transformando-os em títeres.

Na opinião de Nolting-Hauff (1974: 111-3), os *Sueños* são o ataque mais forte contra o sistema político-social que jamais se escreveu na decadência da monarquia espanhola. Ficções do mundo infernal e viagens ao além oferecem a numerosos autores, antes e depois de Quevedo, fecundos pontos de partida para críticas da época, assim como para moralizações satíricas. O cenário ultravida permite uma seleção apartada da realidade que favorece o efeito satírico e que, ao mesmo tempo, fornece à crítica uma ressonância que não teria num ambiente puramente terreno.

A história desse homem, “se funde na do seu tempo, que o lastro de experiência daí resultante, condensado pelo estilo, acaba servindo à complexidade da obra, na qual os problemas do sujeito não são alheios aos do mundo, mas, ao contrário, representam sua dimensão íntima” (Arriguicci Jr. 1979: 145). O satírico espanhol é um dos que mais agudamente percebem o naufrágio irremediável do império. Sua convicção é expressa nessa carta de 1645: “Muy malas nuevas escriben de todas partes, y lo peor es que todos las esperaban así. Esto... no sé si se va acabando ni si se acabó, Dios lo sabe, que hay muchas cosas que, pareciendo que existen y tienen que ser, ya no son nada sino un vocablo y una figura” (Valverde 1980: 132).

O HOMOSSEXUALISMO NA ESPANHA NO SÉCULO XVII E NOS SUEÑOS

Federico Garza Carvajal (2002: 66-9) explica que enquanto a Europa vive um autêntico furor contra a bruxaria, a principal preocupação dos tribunais espanhóis está voltada aos hereges ou à perseguição dos mouros, judeus ou sodomitas. O pecado nefando se converte num dos crimes mais horrendos e escandalosos que preocupa a Monarquia da Espanha dos séculos XVI e XVII.

A Idade Moderna se abre na Espanha com a exterminação dos judeus convertidos, e durante três séculos triunfará sob o signo do Santo Ofício, o espírito de repressão e de exclusão. Em toda a península, em quase todos os territórios dominados pelos reis da Espanha, o anátema e o auto de fé virão a ser o triste símbolo de uma sociedade profundamente marcada pelo fanatismo e pela delação (Carrasco 1985: 07-8). Então, numa época tão rica em perseguições, a tradicional repressão da velha estirpe de Sodoma parece perder, pelo menos em grande parte, sua importância e sua originalidade. Efetivamente, o castigo da sodomia muda completamente de contexto, e é incluída numa vasta estratégia de limpeza moral e social cujo protagonista e mais violento defensor é o Santo Ofício. Carrasco afirma ainda que, apesar das cifras relativamente altas, estas não parecem indicar que o Barroco tenha sido um momento fausto para os prazeres de Sodoma; pelo contrário, “todo nos lleva a pensar que bajo el tópico tan difundido del laxismo de la España del Rey Poeta se esconde una realidad terriblemente represiva” (1985: 08).

No que se refere à terminologia, Carrasco (1985: 30-9) explica que homossexualidade é uma palavra que pertence ao nosso mundo contemporâneo, e que aplicá-la aos homens do século XVII é naturalmente um anacronismo. Ela não corresponde ao universo mental dos homens do Barroco. Para eles só existe o pecado nefando ou a sodomia. Os inquisidores chamam *pecado nefando* de sodomia *contra natura* não só a sodomia propriamente dita (que ocorre entre dois homens ou entre um homem e uma mulher), mas também as relações sexuais entre mulheres e a bestialidade ou zoofilia. A reunião de todos estes campos de atividade sexual sob a denominação comum de sodomia vem do seu caráter comum de atos sexuais *contra natura*.

Para Garza Carvajal, assim como a escrita da história, a idéia da sodomia, vista como um crime e um pecado *contra natura*, não foi dada senão fabricada ativamente; foi interpretada por uma série de procedimentos hierárquicos e seletivos, procedimentos artificiais, argumentos fictícios que estavam subordinados a vários poderes e interesses:

La textualización de la sodomía como un pecado y un crimen contra la naturaleza, una especie de plaga pestilente contagiosa a menudo imputada como proveniente de fuera y las percepciones de los sodomitas representados como hombres viles, despreciables e incluso afeminados, todo eso constituía parte de los discursos de la hombría española. Los teólogos y otros escritores del inicio de la España y Nueva España moderna fabricaron esos discursos con la intención de fomentar la política del imperio. (2002: 22)

A violência física exercida sobre os sodomitas por seus superiores, pelos tribunais, pelos doutores ou por seus iguais, a violência textual empregada pelos moralistas para representar a sodomia como algo *contra natura*, a violação do eu produzido por um teatro de torturas cruel e sádico, o garrote ou a queima dos sodomitas e as incessantes tentativas dos moralistas de definir nos termos mais perversos e infames a abominação de uma zona erótica diferente, tudo isso reflete um discurso dominado não por uma ordem moral senão por uma completa carência da mesma. A nova reforma teológica barroca impõe na península e na Nova Espanha percepções jurídico-eclésiásticas contaminadas a respeito da hombridade e da sodomia. Uma descrição misógina do outro, xenofobia e, durante as primeiras décadas do século XVII, noções de afeminação, contribuem à mutação textual do homem perfeito espanhol, da sodomia e do sodomita (Garza Carvajal 2002: 35).

Enquanto a Europa vivia um autêntico furor contra a bruxaria, a principal preocupação dos tribunais espanhóis estava voltada aos hereges ou à perseguição dos mouros, judeus ou sodomitas. O *pecado nefando* se converteu em um dos crimes mais horrendos e escandalosos que preocupou a Monarquia da Espanha dos séculos XVI e XVII. Em 1497 os Reis Católicos, Isabel e Fernando, proclamaram a primeira e celebrada *Pragmática* contra a sodomia. Esta agravava significativamente os discursos e as sentenças e penas decretadas contra os suspeitos de sodomia. As descrições discursivas da sodomia, como um crime e um pecado, eram reconhecidas, de maneira tácita, como uma ofensa contra Deus, mais que concebê-la como um perigo para o Estado Espanhol. A *Pragmática*, ainda que confirmasse a pena de morte àqueles sodomitas convictos com mais de vinte e cinco anos, a encontrava, no entanto, insuficiente e instituiu uma nova pena: a morte pelo fogo, pois só fogo, purificador natural do maligno, poderia proporcionar remédio para a sodomia, o vício impronunciável e o abominável crime contra a natureza.

Felipe II, em 1592, optou por não agravar ainda mais as penas impostas por sodomia, entretanto relaxou ainda mais as solicitações de evidência necessárias para a instrução e sentença de tais casos. Para ele apenas um testemunho já bastava para garantir a condenação de um sodomita. Garza Carvajal (2002: 70) comenta que os monarcas espanhóis não só reviveram discursos passados sobre a sodomia para justificar a perseguição dos sodomitas, mas todos olharam também para os teólogos e para os escritores procurando inspiração adicional para o homem espanhol perfeito de princípios da era moderna.

Carrasco e García Cárcel documentaram a seguinte informação (Garza Carvajal 2002: 98): entre 1540 e 1700, o Tribunal Inquisitorial julgou 380 casos por sodomia em Valência, outros 791 em Zaragoza e 453 em Barcelona. Em Valência, o Tribunal sentenciou a fogueira 37 homens entre 1566 e 1775, a grande maioria entre 1616 e 1630, justamente durante o auge da Contra-reforma. Os tribunais não condenaram à fogueira nenhum sodomita depois de 1630; em seu lugar foram condenados ao cadafalso, onde eram açoitados ou desterrados perpetuamente do Reino. Em Castilha essa mudança ocorreu na última década do século XVII. Em oposição, os Tribunais Su-

periores de Granada e Sevilha, junto com o Tribunal da *Casa de Contratación* julgaram 175 casos de sodomia entre 1560 y 1699, sendo que uns cinquenta sodomitas foram condenados à fogueira.

Na literatura, para Quevedo, assim como para outros satíricos da época, os atos sexuais são obscenos e ele estende essa repugnância aos homossexuais. O escritor espanhol faz questão de evidenciar em sua obra a forte aversão que sente por eles. Na passagem do “Infierno” — texto mais longo e mais complexo dos *Sueños*, o narrador desce pessoalmente para conhecer as mansões infernais, remetendo claramente ao Inferno de Dante, e para conversar com o diabo.

Quando o narrador pergunta ao diabo onde estão os putos, as velhas e os cornudos, ele responde: “De los putos y viejas, no solamente no sabemos de ellos, pero no querríamos que ellos supiesen de nosotros, que en ellos peligrarían nuestros traseiros; y los diablos por eso tenemos colas, porque como están acá los putos, habemos menester mosqueador de los rabos” (Quevedo y Villegas 1993: 224). Com relação aos putos e velhas, o diabo não só não quer saber como também não quer ser encontrado por nenhum dos dois, pois para os diabos o homossexualismo é repulsivo e degradante, e as velhas além de feias, impertinentes, gulosas, subornáveis, curiosas e fofoqueiras, são intrigantes e charlatonas. Quevedo animaliza os diabos lhes atribuindo rabos, traseiros e inclusive um mosqueiro para afugentar seus perseguidores: putos e velhas.

No texto “Alguacil endemoniado”, o narrador entra na igreja de São Pedro para ver um conhecido, o bacharel Calabrês. Este, que é descrito de forma bastante detalhada, está justamente entregue a sua ocupação favorita, exorcizando um demônio de um meirinho. E esse demônio concede uma breve trégua a sua vítima e conta ao narrador e ao bacharel Calabrês como vão os clientes no inferno. Ou seja, o próprio demônio que possui o meirinho é quem descreve os diferentes lugares do inferno: “y si no estuviesen con prisiones, Barrabás no tiene bien guardada la trasera de ellos; y tales cuales somos, les parecemos blancos y rubios. Lo primero que con éstos se hace es condenarles la lujuria y su herramienta a perpetua cárcel” (Quevedo y Villegas 1993: 170).

Nessa passagem é forte a imagem do *traseiro* de Barrabás, porque se refere aos animais. Também quando o escritor fala em *blancos y rubios* está se referindo aos diabos, pois se costuma representá-los com a pele negra (cor simbólica extremamente negativa); de maneira que para Quevedo, quem os vê *blancos y rubios* terá se apaixonado por eles e é homossexual.

Também em “El sueño de la Muerte” há duas referências aos homossexuais. No entanto, devo explicar que nesse texto a Morte em pessoa se oferece ao narrador como guia numa visita aos mortos, no além-túmulo, e ele aceita e a segue no seu tribunal e audiência. Aqui os mortos são na sua grande maioria personificações de provérbios e ditos populares, figuras históricas, fictícias ou literárias que se queixam da maneira como são tratadas pelos homens no mundo. Nessa primeira passagem o narrador afirma que Judas e os diabos são capados, e que todos são queimados,

pelos sinais que apresentam; assim como os sodomitas nessa época são queimados pela Inquisição, em sinal de castigo:

Ello yo creo por cierto lo que manda la Iglesia Romana, pero en el infierno capón me pareció que era Judas, y lo mismo digo de los diablos, que todos son capones sin pelo de barba y arrugados, aunque sospecho que como todos se queman, que el estar lampiños es de estar chamuscado el pelo con el fuego, y lo arrugado, del calor: y debe de ser así porque no vi ceja ni pestaña y todos eran calvos (Quevedo y Villegas 1993: 236).

Na segunda passagem, que envolve o marquês de Villena, o diálogo entre este e o narrador promove profundas reflexões, não encontradas nos textos anteriores, sobre o momento histórico, dando um panorama do estado político e econômico da Europa, especialmente da Espanha, as perspectivas de guerra e paz, o auge das cidades marítimas italianas, as práticas profissionais dos advogados, o poder de Veneza e o sistema de ministros nos reinos europeus.

O marquês de Villena se refere ao passado afirmando primeiramente sua xenofobia com relação aos genoveses, para depois explicar que também não havia *putos* em outras épocas, mas só a expressão que usava essa palavra e que, portanto, não remetia aos sodomitas: “Honrados eran los españoles cuando podían decir putos y borrachos a los extranjeros . . . No había entonces otro puto sino ;Oxte!, que siempre fue ;Oxte, puto!, que todos eran mujeriegos a puto el postrero; ahora me dicen que los culos se han introducido en barrigas” (Quevedo y Villegas 1993: 352-3).

A Espanha, completamente endividada com a guerra de Flandes, se viu obrigada a usar, ao longo de dois séculos, um sistema de crédito chamado *asientos* para regularizar o fluxo de dinheiro, e os seus credores eram os genoveses. Todo o ouro e a prata que vinham das Índias iam direto para as mãos dos genoveses. Dessa forma, o aborrecimento e o desgosto sentidos pelos espanhóis são expressos pelo escritor.

No trecho citado, a interjeição ;Oxte! queria dizer, segundo o *Diccionario de Autoridades*, de 1737, *online*, também chamado *Nuevo Tesoro Lexicográfico de la Lengua Española*: “Aparta, no te acerques, quítate. Ufafe de esta voz con alguna vehemencia, y mui comunmente quando tomamos en las manos alguna cosa que está mui caliente, ò la probamos: y es frecuente decir oxte puto” (opta-se por manter a ortografia da época, com letras e acentuação atualmente em desuso (f / à)).

Porém essa expressão, além de remeter aos sodomitas com intensa repulsa, alude novamente ao fato de serem queimados pelo Santo Ofício em sinal de purificação e castigo dos pecados. Na seqüência, afirma que todos que antes eram mulherengos agora são homossexuais, e que as bundas agora fazem o papel de barrigas, aludindo ao ventre e à vagina.

Como se pode perceber, na obra *Sueños*, com a idéia da morte sempre presente, o espetáculo da vida humana atravessa os infernos com um enorme sarcasmo e uma fúria imaginativa pouco frequentes na literatura. Quevedo traça nessa obra um quadro satírico da sociedade que não tem estado nem ofício, defeito físico ou moral, ideia ou

sentimento, que não estejam representados de maneira grotesca, vivaz e exagerada. E nenhuma das classes sociais conhecidas esteve livre do seu severo crivo.

Percebe-se assim que a criação literária não pode ser entendida como fato isolado dentro da cultura literária, mas deve ser considerada em relação com o que existe ao seu redor que é o seu próprio entorno originador.

Na opinião de Nolting-Hauff, os *Sueños* são o mais forte ataque contra o sistema político-social que jamais se escreveu na decadência da monarquia espanhola. Ficções do mundo infernal e viagens ao além oferecem a numerosos autores, antes e depois de Quevedo, fecundos pontos de partida para críticas da época assim como para moralizações satíricas. O cenário ultravida permite uma seleção apartada da realidade que favorece o efeito satírico e que, ao mesmo tempo, fornece à crítica uma ressonância que não tem num ambiente puramente terreno (Nolting-Hauff 1974: 111-3).

As cenas são fantásticas e irreais, mas é nesta fantasia que reside a burla. Grotescas e caprichosas tornam-se por alguns momentos exorbitantes e sarcásticas. Chegam às vezes ao cinismo e à impiedade, apesar do fundo religioso. Não há nelas nenhum lugar para o amor ou o perdão (Loprete 1981: 169-170).

OBRAS CITADAS

ARRIGUCCI JR., Davi. 1979. *Achados e Perdidos*. Ensaios de crítica. São Paulo: Polis.

CARRASCO, Rafael. 1985. *Inquisición y represión sexual en Valencia. Historia de los sodomitas (1565-1785)*. Barcelona: Laertes.

CARREIRÃO ORTIGA, Odília. 1992. O riso e o risível em Millor Fernandes: o cômico, o satírico e o “humor”. 276f. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo.

GARZA CARVAJAL, Federico. 2002. *Quemando mariposas. Sodomia e império en Andalucía y México siglos XVI-XVII*. Tradução de Lluís Salvador. Barcelona: Laertes.

HODGART, Matthew. 1969. *La sátira*. Tradução de Angel Guillén. Madrid: Guadarrama.

JONES, R. O. 1985. *Historia de la literatura española. Siglo de oro: prosa y poesía (Siglos XVI y XVII)*. Tradução de Eduardo Vázquez. Edição revisada por Pedro M. Cátedra. Barcelona: Ariel.

LOPRETE, Carlos Alberto. 1981. *Literatura española, hispanoamericana y argentina*. Buenos Aires: Plus Ultra.

NOLTING-HAUFF, Ilse. 1974. *Visión, sátira y agudeza en los “Sueños” de Quevedo*. Tradução de Ana Pérez de Linares. Madrid: Gredos.

QUEVEDO Y VILLEGAS, Francisco de. 1993. Edição anotada de James O. Crosby. *Sueños y Discursos*. Madrid: Castalia.

SOETHE, Paulo Astor. 1998. “Sobre a sátira: contribuições da teoria literária alemã na década de 60”. *Fragmentos* (Florianópolis) 7.2: 7-27.

VALVERDE, José Maria. 1980. *Breve historia de la literatura española*. Barcelona: Guadarrama.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de Autoridades* ou *Nuevo Tesoro Lexicográfico de la Lengua Española*. Diccionario de la lengua castellana, en que se explica el verdadero sentido de las voces, su naturaleza y calidad, con las frases o modos de hablar, los proverbios o refranes, y otras cosas convenientes al uso de la lengua [...]. Compuesto por la Real Academia Española. Disponível em <http://buscon.rae.es/ntlle/SrvltGUILoginNtllle>. Acesso em 20 de mar. de 2010.

HOMOSEXUALITY IN SEVENTEENTH-CENTURY SPAIN AND IN QUEVEDO'S DREAMS AND DISCOURSES

ABSTRACT: This article intends to show how homosexuality was viewed in seventeenth-century Spain, and how it is portrayed in *Sueños y Discursos* [Dreams and Discourses], by one of Spain's major *Siglo de Oro* writers, Francisco de Quevedo y Villegas. It is divided in three parts: the first address satire, since Quevedo is regarded as a major satirist; the second addresses Quevedian satire, since Quevedo's *Sueños* is regarded as one of the most brilliant and ingenious satirical pieces of prose; the third addresses homosexuality in seventeenth-century Spain and in Quevedo's *Sueños*.
KEYWORDS: satire; Quevedo; *Sueños y Discursos*; homosexuality.

Recebido em 31 de maio de 2010; aprovado em 30 de outubro de 2010.